

SER E DEUS: UMA LEITURA DO EVANGELHO DE JOÃO A PARTIR DE HEIDEGGER E HERÁCLITO

Alex Antônio Rosa Costa¹

RESUMO

Pretendemos aqui fazer um paralelo entre a leitura que Martin Heidegger faz da filosofia grega em comparação com o cristianismo. A tese a ser defendida é a proximidade existente entre Ser e Deus.

PALAVRAS-CHAVE: Heidegger; Cristianismo; João; Heráclito; Dasein.

ABSTRACT

We pretend here to make a parallel between Martin Heidegger's reading of Greek philosophy comparing to Christianity. The thesis to be defended is the proximity that is between Being and God.

KEY-WORDS: Heidegger; Christianity; John; Heraclitus; Dasein.

¹ Graduando em Direito pela FDUSP. Professor de Filosofia do Cursinho Popular Clarice Lispector. E-mail: alex.antonio.costa@usp.br.

Introdução

Heidegger, por muito tempo, foi um grande estudioso convertido ao cristianismo. Ao longo de sua vida, ele diz ter abandonado a preocupação com a teologia, para se dedicar exclusivamente ao trabalho filosófico. Em carta endereçada a Jean Beaufret, conhecida como “Carta sobre o ‘Humanismo’”, Heidegger diz: “Esta filosofia não se decide nem a favor nem contra a existência de Deus. Ela permanece presa à indiferença”².

Heidegger diz, pois, expressamente, não saber opinar a respeito da existência de Deus. Contudo, a pergunta que fazemos é: o que é esse Deus? A pergunta mais corriqueira, contudo, é: quem é Deus? Esta pergunta, diferente daquela, tem em si uma premissa que nos leva a erro: considerar Deus como *quem*, ou seja, como próximo do homem. O antropomorfismo divino é comum desde há muito tempo. A pergunta que fazemos é: não seria uma redução comparar Deus a um homem? As grandes religiões responderiam de pronto: claro! O problema parece ser que, a despeito de uma resposta tão evidente, as religiões ocidentais ainda parecem pensar Deus a partir do homem, de modo que o próprio Deus não é pensado. Assim, retomamos a pergunta, agora heideggerianamente, *o que é isso – Deus?*³

Nossa tese aqui é: Deus é o Ser. À primeira vista, esta tese não é inovadora. O relevo se dá na hermenêutica radical que aqui se opera. Poderíamos supor que a essência daquele Cristo (*Khristós*, ‘Ungido’) do Evangelho de João é este mesmo Ser; nossa tarefa é evidenciar isso. Mais explicitamente: o que pretendemos fazer aqui é uma leitura da figura divina cristã com base na filosofia grega, tendo como guia o pensamento de Heidegger. Deve ficar claro, contudo: Não se trata de uma leitura daquela que Heidegger faz do cristianismo (muito rica, é verdade). Seu pensamento é usado apenas como norte; é *a partir* dele que teceremos nossas considerações.

Heidegger não tem a mesma concepção que a defendida aqui. Ele diz, expressamente, que Deus é entendido na tradição cristã como ser, contudo, na realidade, ele é apenas um ente, mesmo que seja o maior de todos: um ente dentre outros⁴. Nossa defesa aqui é no sentido de que o

² HEIDEGGER, Martin, *Carta sobre o humanismo*. 2ª ed. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005, p. 65.

³ Como na preleção de 1955 *Qu'est-ce que la philosophie? (O que é isto – a filosofia?)* (título em francês no original). Tradução para o português: HEIDEGGER, Martin, *Que é isto – A Filosofia?*. In _____, *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999. p. 27-40. (Os Pensadores),

⁴ HEIDEGGER, Martin, *Ser e verdade: a questão fundamental da filosofia; da essência da verdade*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rev. Renato Kirchner. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012, p. 65.

cristianismo conseguiu, em sua ontoteologia, principalmente em João, chegar muito próximos do Ser mesmo a que Heidegger se refere.

Antes, contudo, um excuro. Duas visões devem ser consideradas. Nós vemos Deus como o Ser, enquanto o cristianismo vê Ser como Deus. A diferença aqui é enorme. Ver Deus como o Ser é dizer: o que verdadeiramente existe é o Ser, enquanto Deus é o nome que se deu na tentativa de chegar à verdadeira essência. Ver Ser como Deus é exatamente o oposto. Como grande consequência, aponto a relação entre filosofia e teologia. Se considerarmos Deus como Ser, sendo a filosofia o questionamento pelo Ser, toda teologia deve ser entendida como insuficiente, como quer Heidegger, para a grande tarefa que se impõe ao pensamento ocidental: a questão pelo Ser. Além disso, todo moralismo religioso, toda regra de conduta religiosa, tudo que não é puramente o questionamento por Deus não tem grande valor enquanto pensamento originário. Do contrário, se entendermos Ser como Deus, colocaremos a filosofia abaixo da religião, evidenciando a real importância do pensamento teológico e, talvez, de uma vida religiosamente ordenada.

Defenderemos aqui, claro, a visão de Deus como Ser; afinal, queremos um trabalho filosófico.

Ser e ente

No livro do Êxodo, temos um belo e esclarecedor diálogo entre Moisés e Deus: "Moisés disse a Deus: "Quando eu for aos filhos de Israel e disser: 'O Deus de vossos pais me enviou até vós'; e me perguntarem: 'Qual é o seu nome?', que direi?" Disse Deus a Moisés: "Eu sou aquele que é". Disse mais: "Assim dirás aos filhos de Israel: 'EU SOU me enviou até vós'" (Ex 3:13-14)⁵.

"Eu sou aquele que é". "EU SOU me enviou até vós". Em João, essa construção "Eu Sou" (em grego, ἐγώ εἰμί (*egô eimi*)) é repetida diversas vezes⁶. Muitas são as interpretações possíveis do trecho do Êxodo, que valem para João. Não queremos nos ater às explicações dadas tradicionalmente pelo cristianismo. Ressaltamos aqui o fato de Deus ser equiparado ao Ser; mais: o texto está em discurso direto, ou seja, Deus se equipara ao Ser.

E o que é o Ser?

⁵ Para o português, utilizamo-nos da Bíblia de Jerusalém, exceto para os Evangelhos, cuja tradução utilizada foi a recente feita por Frederico Lourenço: *BÍBLIA. Volume I: Novo Testamento: os quatro evangelhos*. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

⁶ "Eu Sou" com complemento: 6, 35; 8,12; 10,7; 10,11; 14; 6; 15,1. Apenas "Eu Sou": 8,24; 8,28; 8,58; 13,19; 18,6.

Heidegger faz uma importante distinção entre Ser e Ente. Segundo ele, essa é a distinção fundamental da ontologia, chamada por ele de “diferença ontológica”⁷. Falar sobre o Ser sempre é complicado. Afinal, ao dizermos: “O Ser é...”, já o transformamos em ente, de modo que, como diz Heidegger em 1929, “a exigência de apreender algo assim como o ser em contraposição ao ente é uma exigência para a qual não há nenhuma esperança”⁸. Não nos desanimemos. Podemos apresentar uma diferença numérica, desde já: há um Ser, enquanto há infinitos entes. Veremos o que são entes. Contudo, algo é claro: não é possível que haja mais de um Ser. Ou se é, ou não se é: base da lógica. Com isso, já podemos fazer uma comparação com o Deus cristão: para o cristianismo, só há um Deus. Esse é o alicerce do monoteísmo. Por exemplo: “Eu sou o primeiro e o último, fora de mim não há Deus” (Is 44, 6). Isaías traz várias passagens em que o monoteísmo fica claro⁹.

Já que não podemos falar muito do Ser, analisemos primeiro o que é o ente.

A pergunta “o que é” é a pergunta pela essência. Ao perguntarmos “o que é a Justiça?”, não estamos preocupados com o entendimento do STF brasileiro do séc. XXI acerca da Justiça, tampouco com o que os gregos entendiam por Justiça. A pergunta busca aquilo que é comum a todo entendimento de Justiça. Mais precisamente: trata-se de uma pergunta *por aquilo que permanece* no conceito de Justiça, independentemente do tempo e do lugar em que o conceito é pensado. Em outras palavras: aquilo que é pressuposto por todos que falam sobre o tema, isto é, a essência.

Aristóteles falava que a essência de algo é *o que* esse algo é. “*O que é isto?*”, então, é a pergunta pela essência. Platão nos disse que *o que* algo é, isto é, o *ser-o-que*¹⁰ (Wassein) (το τί εἶναι (to tí eínai))¹¹, é o que está *constantemente presente* (ständig anwesend), por maior que seja a diversidade e a transformação. A essência é o núcleo duro que se mantém presente a despeito de qualquer transformação na parte externa.

⁷ HEIDEGGER, Martin *Introdução à filosofia*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rev. de trad. Eurides Avance de Souza. Rev. técnica Tito Lívio Cruz Romão. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, § 28, p. 225

⁸ HEIDEGGER, Martin, *Introdução à filosofia*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rev. de trad. Eurides Avance de Souza. Rev. técnica Tito Lívio Cruz Romão. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, §26, a, p. 204.

⁹ Ver também: Is 42, 8; 40,25; 43,10-12; 45,5-7; 45,14; 45,18; 45,21-22; 46,5; 46,9; 48,11.

¹⁰ HEIDEGGER, Martin, *As Questões Fundamentais da Filosofia*. trad. Marco Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2017, §17, b, p. 81. Ver também: HEIDEGGER, Martin, *A teoria platônica da verdade*. In _____. *Marcas do caminho*. Trad. de Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Rev. da trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Textos Filosóficos), p. 215-250, p. 237.

¹¹ “Das Was etwas ist, das Wassein (το τί εἶναι), ζ. B. ein Haus oder ein Mensch, das ist jenes, was an dem so Angesprochenen ständig anwesend ist”. HEIDEGGER, Martin, *Grundfragen der Philosophie: Ausgewählte „Probleme“ der „Logik“*, in _____.
Gesamtausgabe, II. Abteilung: Vorlesungen 1923-1944, band 45. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann GmbH, 1984, §17, b, p. 61.

O grande salto de Platão, afirma Heidegger, é dizer que a essência, aquilo que é constantemente presente, é visto por nós de antemão. Nós vemos a essência antes de tudo. O exemplo muito usado por Heidegger é: antes de entrarmos em uma casa, antes de vermos suas partes, seus atributos contingentes, como a quantidade de quartos, a cor das paredes, a disposição dos móveis, antes de tudo temos em mente a ideia de casa. Para que possamos nos relacionar com tudo aquilo que se nos apresenta, temos que antes ter captada a ideia, ou seja, a essência. O *constantemente presente* é o que *desde o princípio temos em vista*, mas não consideramos expressamente. Expressamente, consideramos o corredor, os quadros e a janela, não aquilo que em tudo está: a casa. A essência de tudo o que se nos mostra é “*de antemão e constantemente visto*”¹², mas não considerado expressamente.

Concluimos: a essência é aquilo que algo é¹³. “E o que é, então aquilo que algo é, o o-que-é? Para tal pergunta não parece mais haver nenhuma resposta possível”¹⁴. Platão, contudo, oferece a resposta: aquilo que é, o *Wassein*, é o visto de antemão (*es ist im voraus gesichtet*), o observado *en passant*. O visto (*das Gesichtete*) é o o-que-é, a essência, a *ιδέα* (*idéa*). Isto é, o aspecto (*Anblick*) oferecido por aquilo que é.

Agora podemos falar mais sobre a essência, sobre o ser-o-que (*Wassein*) de algo. O o-que-ele-é (*Was es ist*) é a *idéa*, ou seja, a essência (*Wesen*). “Ver” em grego é *ἰδεῖν*. O que é visto é a ideia (*ιδέα*). Assim, a essência é a *idéa*, a essência é o que é visto desde o princípio. *Idéa* deve ser entendido como o *aspecto* (*Anblick*), a aparência que ele tem e mostra por si mesmo, *εἶδος* (*eídos*) (*Anblick* = *eídos* = aspecto).

Vimos rapidamente o que vem a ser entendido por essência. Nossa busca inicial era pela essência do ente. A essência do ente é chamada por Heidegger de *entidade* do ente. A entidade é aquilo que confere o caráter de *ente*, assim como a humanidade confere o caráter de humano.

Voltemos um pouco ao início da filosofia grega. O pensamento grego se baseia, diz Heidegger, no fato de o homem se colocar diante do ente em sua totalidade (*Seiende im Ganzen*) e

¹² HEIDEGGER, Martin, *As Questões Fundamentais da Filosofia*. trad. Marco Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2017, §17, b, p. 82.

¹³ „Das Wesen, sagten wir, ist das, was etwas ist, το τί ἐστίν (quidditas)”. HEIDEGGER, Martin, *Grundfragen der Philosophie: Ausgewählte „Probleme“ der „Logik“*, in _____. *Gesamtausgabe, II. Abteilung: Vorlesungen 1923-1944, band 45*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann GmbH, 1984, §17, *wiederholung*, 1, p. 64.

¹⁴ HEIDEGGER, Martin, *As Questões Fundamentais da Filosofia*. trad. Marco Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2017, §17, *repetição*, 1, p. 85.

no reconhecimento de que se pertence ao ente, isto é, no reconhecimento de que ele mesmo, homem, é um ente. Parmênides dizia: "Necessário é o dizer e pensar que (o) ente é; pois é ser, / e nada não é; isto eu te mando considerar"¹⁵. Completa Heidegger: "A realização fundamental desse pensamento é, por isso, a *questão acerca do ente mesmo*, aquilo que ele, o ente enquanto tal, é na totalidade"¹⁶.

Ente enquanto tal em sua totalidade é a φύσις (*phýsis*). Não traduzamos *phýsis* por "natureza", pois o significado é bem outro¹⁷. Ente, para os gregos, era

o que finca pé em si em contraposição ao que cai e desmorona em si. Ente – os gregos experimentaram o ente como o constante ante a mudança do mero emergir e já logo desaparecer uma vez mais.¹⁸

Por isso, entidade do ente é a *constância*. Além disso, o ente é "o que se presenta em contraposição a tudo o que se ausenta e a todo definhamento"¹⁹. Heidegger aqui é quase poético. A ideia, contudo, não é complicada: sabemos que todos os objetos, por exemplo, estão em constante transformação, inclusive em evaporação. Por mais que haja essa transformação, algo sempre permanece. Podemos tirar um pé da mesa, podemos tirar uma página do livro, beber o café da xícara, pintar a parede, e mesmo assim a mesa continuará sendo mesa, o livro ainda será livro, e assim por diante. A entidade de um ente, a *livridade* do livro, a *mesidade* da mesa é aquilo que se mantém, aquilo que não muda a despeito de todas as eventuais transformações que esse ente possa sofrer.

Por fim, podemos dizer: ente é aquilo que é²⁰. Ser é a essência do ente em sua totalidade.

A frase acima pode parecer obscura, mas é muito precisa. Ser é a essência de todas as coisas, todos os entes. Já vimos o que é a essência: é aquilo que permanece. Chegar à essência física pode ser uma das metas da física, vemos isso com a ideia de átomo. Mas, e a essência metafísica, a substância simples, a Mônada (Leibniz)?

¹⁵ Fragmento 6, tradução de José Cavalcante de Souza. Original: "Χρὴ τὸ λέγειν τε νοεῖν τ' ἔδον ἔμμεναι· ἔστι γὰρ εἶναι, / μηδὲν δ' οὐκ ἔστιν· τὰ σ' ἐγὼ φράζεσθαι ἄνωγα"

¹⁶ HEIDEGGER, *As Questões Fundamentais da Filosofia*. trad. Marco Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2017, §32, p. 167.

¹⁷ "[...] tampouco possuímos uma palavra apropriada para nomear e pensar a essência da φύσις [...]. No entanto, não conseguimos emprestar de imediato a essa palavra a plenitude e a determinidade [de] que ela precisa". HEIDEGGER, Martin, *A essência e o conceito de Φύσις em Aristóteles – Física B, 1*. In _____. *Marcas do caminho*. Trad. de Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Rev. da trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Textos Filosóficos), p. 251-314, p. 271.

¹⁸ HEIDEGGER, Martin, *As Questões Fundamentais da Filosofia*. trad. Marco Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2017, §32, p. 167.

¹⁹ HEIDEGGER, Martin, *As Questões Fundamentais da Filosofia*. trad. Marco Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2017, §32, p. 167.

²⁰ "Toda ιδέα, o aspecto de alguma coisa, proporciona a visão daquilo que um ente a cada vez é. [...] As ideias são o que é de todo ente". HEIDEGGER, Martin, *A teoria platônica da verdade*. In _____. *Marcas do caminho*. Trad. de Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Rev. da trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Textos Filosóficos), p. 215-250, p. 239.

Sabemos o que é a essência e que a essência do ente em sua totalidade é o Ser. A tentativa aqui é mostrar que, no fundo, há pouca discordância. O Deus cristão é o Ser enquanto essência de todas as coisas. Santo Tomás de Aquino entendeu bem a mensagem. Ele diz: "Deus está em toda parte"²¹, "por conseguinte, sendo Deus a causa universal de todo ser, como acima foi demonstrado (I. II, c. XV), é necessário que onde quer que se encontre o ser esteja também aí a presença divina"²². "Ser", nessa frase, usado por Tomás de Aquino deve ser lido, no vocabulário heideggeriano, aqui usado, como "ente". Heidegger mesmo fala que, na tradição, foi comum confundirem "ser" e "ente", por isso Heidegger prefere usar, depois de sua virada (*Kehre*), a palavra *Sein* (seer) para designar o ser originário, enquanto "ser" seria o "ente" de que falava²³. A própria *meta-física* é *física* já que fala sobre o *ente* em sua totalidade (*phýsis*), não sobre *seer*²⁴. Voltemos a Tomás de Aquino. A ideia de que Deus é a essência indivisível de todas as coisas fica ainda mais clara:

Não se deve, porém, pensar que Deus está em toda parte dividido pelos espaços dos lugares, como se uma parte estivesse aqui, outra, ali; pois Deus está todo ele em cada parte, sendo simples como é e sem partes.²⁵

O mesmo entendimento pode ser visto em Spinoza. Para ele, Deus é entendido como a natureza em seu todo. Deus e natureza significam uma só e mesma coisa: a totalidade das coisas²⁶. Foi para explicar a filosofia de Spinoza que os ingleses cunharam a palavra "panteísta"²⁷, significando que Deus está em todas as coisas.

Creio que tenha ficado claro: Deus é o nome que se dá ao Seer. Heidegger chama o homem de *Dasein*, ser-aí. Não desenvolveremos aqui muito sobre o assunto. Por ora, vale notarmos a proximidade única que o homem tem com o Seer. O ser-aí é um ente como os outros. Contudo, ele

²¹ "Deum esse infinitae virtutis. *Est igitur ubique*". (grifo meu), *Summa contra gentiles*, livro III, cap. LXVII, 2424. TOMÁS DE AQUINO. *Suma contra os gentios*. Trad. D. Odilão Moura O.S.B., baseada em parte em tradução de D. Ludgero Jaspers O.S.B. Revisão Luis A. de Boni. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

²² "Cum igitur Deus sit causa universalis totius esse, ut in Secundo (cap. 15) ostensum est, oportet quod in quocumque est invenire esse, ei adsit divina praesentia", cap. LXVII, 2425. TOMÁS DE AQUINO. *Suma contra os gentios*. Trad. D. Odilão Moura O.S.B., baseada em parte em tradução de D. Ludgero Jaspers O.S.B. Revisão Luis A. de Boni. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

²³ HEIDEGGER, Martin, *As Questões Fundamentais da Filosofia*. trad. Marco Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2017, Anexo, 3, b, p. 254.

²⁴ HEIDEGGER, Martin, *A essência e o conceito de Φύσις em Aristóteles – Física B, 1*. In _____. *Marcas do caminho*. Trad. de Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Rev. da trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Textos Filosóficos), p. 251-314, p. 253.

²⁵ "Non est autem aiestimandum Deum sic esse ibique quod per locorum spatia dividatur, quae una pars eius sit hic et alia alibi, sed totus ubique est. Deus enim, cum sit omnino simplex partibus caret", cap. LXVII, 2430. TOMÁS DE AQUINO. *Suma contra os gentios*. Trad. D. Odilão Moura O.S.B., baseada em parte em tradução de D. Ludgero Jaspers O.S.B. Revisão Luis A. de Boni. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

²⁶ SPINOZA, Baruch. *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, I, prop. 15.

²⁷ BORGES, Jorge Luis. *Sobre a Felicidade e outros diálogos*. Trad. John Lionel O'Kuinghtons Rodríguez. São Paulo: Hedra, 2009, *Spinoza*, p. 71.

é o único que existe. A existência é um *modo de ser* próprio de um ente chamado ser-aí²⁸. Por meio da linguagem, o homem torna-se capaz de acessar o seer. Diferente de todos os animais, plantas e objetos, o homem, enquanto ser-aí, conversa com o seer, acessa-o, contempla-o. Na tradição cristã, isso foi lido como: somos filhos de Deus, dele provemos, e com ele podemos conversar por meio da oração, isto é, pela fala, pois Deus é Verbo (*logos*) (João 1,1). A ideia é a mesma: falar com Deus é usar da linguagem para acessarmos o seer. A oração nada mais é que um pensamento, no sentido forte que Heidegger dá, isto é, um questionamento acerca do “fenômeno originário” (Goethe), da abertura originária, da *Clareira* (*Lichtung*).

“Eu Sou o Caminho, a Verdade e a Vida”

O caminho

Ao se despedir de seus “filhinhos” (*teknía*) (João 13, 33) antes da crucificação, Jesus diz que irá à casa do Pai. Pai é o sinônimo mais próprio que os cristãos dão a Deus. Conforme nossa tese, Jesus aqui diz: irei ao Ser. Pouco mais adiante, ainda no Evangelho de João, diz Jesus: “E para onde eu vou, vós conheceis o caminho” (João 14, 4). Tomé indaga:

‘Senhor, não sabemos para onde vais. Como podemos conhecer o caminho?’ Diz-lhe Jesus: ‘Eu Sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém chega ao Pai a não ser através de mim. Se me conhecêsseis, teríeis conhecido o meu Pai. A partir de agora já O conheceis e O vistes.’

Diz-lhe Felipe: ‘Senhor, mostra-nos o Pai e [isso] nos basta!’ Diz-lhe Jesus: “Estou há tanto tempo convosco e ainda não me conhecestes, Filipe? Quem vê a mim vê o Pai. Como podes tu dizer: ‘Mostra-nos o Pai’? Não acreditas que eu [estou] no Pai e o Pai está em mim?” (João 14, 5-10)²⁹.

Nossa leitura do trecho é a seguinte. Todos os homens são seres-aí. Isso quer dizer: o homem acessa o seer e tem em sua essência o próprio Seer. Jesus é a caracterização máxima do ser-aí. Isso quer dizer: Jesus é o mais homem de todos os homens. Não precisamos entrar no mérito se Jesus é filho de um Deus criador, como quer a tradição cristã. Não é essa nossa análise. Jesus deve

²⁸ HEIDEGGER, Martin *Introdução à filosofia*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rev. de trad. Eurides Avance de Souza. Rev. técnica Tito Lívio Cruz Romão. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, §12, a, p. 75.

²⁹ Original: “λεγει αυτω θωμας κυριε ουκ οιδαμεν που υπαγεις και πως δυναμεθα την οδον ειδεναι λεγει αυτω ο ιησους εγω ειμι η οδος και η αληθεια και η ζωη ουδεις ερχεται προς τον πατερα ει μη δι εμου ει εγνωκειτε με και τον πατερα μου εγνωκειτε αν και απ αρτι γινωσκετε αυτον και εωρακατε αυτον λεγει αυτω φιλιππος κυριε δεixon ημιν τον πατερα και αρκει ημιν λεγει αυτω ο ιησους τοσουτον χρονον μεθ υμων ειμι και ουκ εγνωκας με φιλιππε ο εωρακως εμε εωρακεν τον πατερα και πως συ λεγεις δεixon ημιν τον πατερα ου πιστευεις οτι εγω εν τω πατρι και ο πατηρ εν εμοι εστιν τα ρηματα α εγω λαλω υμιν απ εμαυτου ου λαλω ο δε πατηρ ο εν εμοι μενων αυτος ποιει τα εργα” (“*legei autō thōmas kurie ouk oidamen pou upageis kai pōs dunametha tēn odon eidenailegei autō o iēsous egō eimi ē odos kai ē alētheia kai ē zōē oudeis erchetai pros ton patera ei mē di emou ei egnōkeite me kai ton patera mou aegnōkeite an kai ap arti ginōskete auton kai eōrakate auton legei autō philippos kurie deixon ēmin ton patera kai arkei ēmin legei autō o iēsous tosouton chronon meth umōn eimi kai ouk egnōkas me philippe o eōrakōs eme eōraken ton patera kai pōs su legeis deixon ēmin ton patera ou pisteueis oti egō en tō patri kai o patēr en emoi estin ta rēmata a egō lalō umin ap emautou ou lalō o de patēr o en emoi menōn autos poiei ta erga*”).

ser entendido aqui como o modelo de ser-aí, a personagem histórica que deixou mais explícitas as características essenciais de todo ser-aí. Estando o Seer na própria essência do ser-aí, já podemos entender a frase dita por Jesus: "Não acreditas que eu [estou] no Pai e o Pai está em mim?"; afinal, o homem habita a verdade do seer.

Ao dizer que vai ao Pai, Jesus quer dizer que vai ao Seer. Ir ao seer deve ser lido com cautela. Não devemos entender "ir ao seer" como um deslocar-se qualquer. Trata-se de um deslocar-se para dentro da própria essência, um mergulhar-se em si tão profundo que a própria individualidade é perdida, no momento do encontro com a essência de todas as coisas, que, claro, está em nós. Por isso os gregos falarem em "conhece-te a ti mesmo", e Heráclito em "Procurei-me a mim mesmo"³⁰, faculdade essa, de procurar-se e conhecer-se, dada a todos os homens³¹. O fim da individualidade, é claro, só é possível no momento da morte. Ir ao encontro do Pai é dirigir-se à morte.

Ao falar do ser-aí, Heidegger caracteriza-o como ser-para-a-morte (*Sein zum Tode*) (em especial, *Ser e Tempo*, §§ 45 e 51). A base é a constatação simples de que estamos fadados à morte. Esse pensamento toma relevo na medida em que a morte é vista como fim das possibilidades, ao mesmo tempo em que é a "indisponível possibilidade"³². Nossa existência, por sua vez, é vista como marcada pelas possibilidades. Nosso poder-ser fundamental é marcado pela morte inexorável. Nossa vida, por fim, é um caminhar para a morte. Agora podemos entender o que a sentença de Jesus significa enquanto característica essencial do ser-aí. Ir ao Pai, ir ao seer é caminhar para a morte e, ao mesmo tempo, caminhar para o mais fundo do homem: a verdade do seer.

Entendemos aonde vai Jesus. Disse ele mais: nós conhecemos o caminho para o seer. Dessa afirmação, podemos tirar duas informações relevantes para nós: nós conhecemos de antemão o caminho ainda não percorrido e nós somos capazes de percorrê-lo. O conhecimento de antemão é a característica fundamental da essência platônica, da *idéa*. Conhecemos de antemão significa: acessamos primeiramente a essência do ente. Jesus completa: eu sou esse caminho. Se entendermos Jesus como ser-aí (o que parece ser muito plausível, já que Jesus é humano), podemos entender que o caminho para o seer é da essência do ser-aí, ou seja, o acesso ao seer é parte do

³⁰ Fragmento 101. Original: "ἐδιζησάμην ἑμεωυτόν"

³¹ Fragmento 116: "A todos os homens é compartilhado o conhecer-se a si mesmos e pensar sensatamente". Original: "ἀνθρώποισι πᾶσι μέτεστι γινώσκειν ἑωυτοῦς καὶ φρονεῖν"

³² STEIN, Ernildo. *Introdução ao Pensamento de Martin Heidegger*. Porto Alegre: PUCRS, 2011, p. 69.

fundamento do homem enquanto ser-aí. Jesus, enquanto mostra viva máxima da essência do ser-aí, nos evidencia o fato de sermos seres-*aí*, isto é, caminho para o seer.

Pela ideia cristã, somos filhos de Deus. Isso deve ser lido fenomenologicamente de maneira radical como: somos provenientes do seer, temos em nossa essência o seer, abrigamos em nós a morada divina, somos, na essencialidade de nossa essência, Deus. Por isso, nós caminhamos para o seer. Que fique claro: ao dizer “eu sou o caminho”, Jesus não quis dizer que outros homens não são o caminho, mas que só o são enquanto ser-aí em sua própria essência.

No NT, “Caminho” tem importância também no Ato dos Apóstolos, referindo-se à comunidade de fieis cristãos³³.

Sobre o caminho, uma última palavra. Heidegger diz sobre seus escritos: eles são “*Wege - nicht Werke*”, isto é, “Caminhos - não obras” – esta foi a missão que Heidegger deixou ao seu editor geral, na capa dos manuscritos, pouco antes de morrer³⁴. Priscila Lima, em sua tese de doutorado³⁵, chama-nos a atenção justamente para esse ponto: várias são as obras de Heidegger em que ele usa a palavra caminho (*Weg*), como *Holzwege* (*Caminhos de floresta*), *Wegmarken* (*Marcas do caminho*), *Unterwegs zur Sprache* (*A caminho da linguagem*), *Mein Weg in die Phanomenologie* (*Meu caminho para a fenomenologia*)... Heidegger esclarece que o caminho (ὁδός - *hodós*) é parte do método (μέθοδος - *méthodos*), de modo que caminho significa “caminhar em direção a”³⁶. Esse mesmo entendimento fica claro na primeira frase do Evangelho de João “e verbo estava com Deus”, em que é usada a preposição πρὸς (*prós*), que pode significar, e aqui pode ser o caso, justamente “caminhar em direção a...”. Voltemos ao que Jesus disse: eu sou o caminho, agora, deve ser lido como: eu caminho em direção ao seer. O ser-aí, enquanto existe, isto é, enquanto tem seu *modo de ser* a existência, caminha em direção ao seer.

O mais importante, portanto, para Heidegger, não é a resposta (a chegada), mas a elaboração das perguntas (o caminho). Ele diz claramente: “*A nossa meta é a própria busca*”³⁷. Diz

³³ 9,2. Outras ocorrências: 18,25-26; 19, 9.23; 22.4 (sinônimo de Igreja); 24,14.22. Mateus também fala do caminho: 7,13-14; 22, 16.

³⁴ HEIDEGGER, Martin, *Gesamtausgabe*, I. Ab, bd, I, *Frühe Schriften*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann GmbH, 1978, *Nachwort des Herausgebers*, p. 437.

³⁵ LIMA, Priscila Sissi. *O caminho do amor: a possibilidade existencial do amor em Heidegger e sua importância para a investigação do justo*. 2015 Tese (Doutorado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, 2015.

³⁶ LIMA, Priscila Sissi. *O caminho do amor: a possibilidade existencial do amor em Heidegger e sua importância para a investigação do justo*. 2015 Tese (Doutorado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, 2015, Introdução, p. 12.

³⁷ HEIDEGGER, Martin, *As Questões Fundamentais da Filosofia*. trad. Marco Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2017, §3, p. 9.

ele certa feita: “Longo é o caminho de que nosso pensamento mais necessita”³⁸. O caminho aqui é a própria filosofia. Por isso, Heidegger chega a definir filosofia como filosofar³⁹, isto é, transcender. Por ora, basta frisarmos que a filosofia não é uma resposta, não é um código, um catálogo ou autoajuda. A filosofia é o filosofar, é ação, ela é um “tipo fundamental do *comportamento*”⁴⁰. A filosofia é o caminho. Tendo isso em vista, precisamos saber: caminho para onde? Qual o destino da filosofia, ou melhor, qual a tarefa da filosofia? Heidegger respondeu isso. Ele disse que a filosofia é tradicionalmente confundida com a metafísica, de modo que precisamos superar isso; afinal, a história da metafísica é a história do esquecimento do seer. A filosofia deve ser superada pelo *pensamento*, cuja tarefa, como dissemos, é o questionamento pela verdade do seer. Disso tiramos: o pensamento a que Heidegger se refere é o caminhar em direção à verdade do seer, ou seja, é o mesmo caminho a que se referia Jesus ao dizer “eu sou o caminho”.

Na Bíblia, podemos encontrar a mesma ideia sobre a importância do caminho para o acesso a Deus, como em: “Uma voz clama: ‘No deserto, abri um caminho para lahweh; na estepe, aplainai uma vereda para o nosso Deus’ (Is 40, 3)⁴¹. No cristianismo, vemos que Jesus é visto como aquele que prepara o caminho para Deus. Em uma visão filosófica, poderíamos dizer: o homem, enquanto ser-aí, é o responsável por preparar seu próprio caminho à verdade do seer. Deve ter ficado claro: entendemos Jesus aqui como *Dasein*. Jesus, de acordo com essa visão, não é mais do que ninguém. Jesus é um homem que entendeu seu papel como homem; se quisermos dizer: papel como filho de Deus, também estaremos corretos, desde que consideremos todos os humanos como igualmente filhos de Deus, afinal, em todos nós há o Seer, a essência de todos os entes. Deus deve ser entendido como a essência de todas as coisas, presente em todas as coisas, mas acessado apenas pelo ser-aí. Falarmos que somos feitos à imagem e semelhança de Deus (Gn 1, 26-27) é falarmos que somos seres-aí, isto é, entre os entes, os mais próximos do seer, os únicos que, por meio da linguagem, podem acessá-lo.

Se entendermos que Jesus é o modelo de ser-aí, teremos que aceitar que ele está na essência de todos os homens enquanto entes históricos, no sentido que Heidegger dá ao termo.

³⁸ HEIDEGGER, Martin, *Logos (Heráclito, fragmento 50)*. In _____. *Ensaios e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Marcia Sá Cavalcante Schuback, 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012a. (Coleção Pensamento Humano). p. 183-204, p. 183.

³⁹ HEIDEGGER, Martin, *Introdução à filosofia*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rev. de trad. Eurides Avance de Souza. Rev. técnica Tito Lívio Cruz Romão. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, §30, p. 235.

⁴⁰ HEIDEGGER, Martin, *Introdução à filosofia*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rev. de trad. Eurides Avance de Souza. Rev. técnica Tito Lívio Cruz Romão. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, §7, p. 27 (grifo nosso).

⁴¹ Esse trecho será retomado por Mateus, 3,3 e João, 1,23.

Jesus, nesse sentido, seria a essência do homem e estaria, portanto, no nosso interior. Agostinho, nas *Confissões*, diz: "Vós, porém, éreis mais íntimo que o meu próprio íntimo e mais sublime que o ápice do meu ser!"⁴² Ser mais íntimo que meu próprio íntimo é participar da minha essência mais retamente que eu mesmo: é ser minha essência. Eis Jesus, cuja essência é Deus. Essa visão pode ser encontrada no Salmo 139 (138), em que se diz que Deus sabe de nosso interior mais do que nós mesmos. Ora, isso é entender Deus como a essência mesma do homem, como o Seer:

lahweh, tu me sondas e conheces: conheces meu sentar e meu levantar, de longe penetras o meu pensamento; examinas meu andar e meu deitar, meus caminhos todos são familiares a ti. A palavra ainda não me chegou à língua, e tu, lahweh, já a conheces inteira. Tu me envolves por trás e pela frente, e sobre mim colocas a tua mão. É um saber maravilhoso, e me ultrapassa, é alto demais: não posso atingi-lo! Para onde ir, longe do teu sopro? Para onde fugir, longe da tua presença? Se subo aos céus, tu lá estás; se me deito no chão, aí te encontro. (Salmo 139(138))

Quase todo o trecho citado agora pode ser entendido. Vejamo-lo novamente:

'Senhor, não sabemos para onde vais. Como podemos conhecer o caminho?' Diz-lhe Jesus: 'Eu Sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém chega ao Pai a não ser através de mim. Se me conhecêsseis, teríeis conhecido o meu Pai. A partir de agora já O conheceis e O vistes.'

Diz-lhe Felipe: 'Senhor, mostra-nos o Pai e [isso] nos basta!' Diz-lhe Jesus: "Estou há tanto tempo convosco e ainda não me conhecestes, Filipe? Quem vê a mim vê o Pai. Como podes tu dizer: 'Mostra-nos o Pai'? Não acreditas que eu [estou] no Pai e o Pai está em mim? (João 14, 5-10)

Sobre a Verdade e a Vida, falaremos logo mais. A frase "Se me conhecêsseis, teríeis conhecido o meu Pai" também pode ser bem entendida se considerarmos Jesus como a essência do ser-aí e Pai como o próprio Seer. Heidegger chega a dizer que, para reconhecer o ente enquanto tal, é necessária uma "*postura fundamental do simples acolhimento do ente em sua entidade*, e, com isso, no *elemento uno* que determina o ente enquanto tal"⁴³. Ente em sua entidade significa a essência mesma do ente. Se continuarmos nosso entendimento de que o seer está na essência de todos os entes, um conhecimento verdadeiro e profundo do ser-aí nos leva à busca mesma e ao conhecimento do seer.

Em seguida, Jesus diz: "A partir de agora já O conheceis e O vistes". Isso pode ser lido em dois aspectos que nos ajudam: conhecemos o seer de antemão. Sobre essa visão, já falamos. Podemos ainda ver como: Jesus desvelou a verdade do seer. Já no prólogo de João, lemos: "A Deus

⁴² AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. *Confissões*. Trad. J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. 6ª ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2015, III, 6, §13, p. 73.

⁴³ HEIDEGGER, Martin. *As Questões Fundamentais da Filosofia*. trad. Marco Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2017, §33, p. 178.

ninguém nunca viu. Deus unigênito, que está no seio do Pai, esse deus [o Pai] a conhecer”⁴⁴ (João 1,18). Poderíamos traduzir, em nossos termos: Ao Seer ninguém nunca viu. Ser-aí, que habita a morada do seer, esse deus [o Seer] a conhecer.

A Verdade

Uma das questões fundamentais da filosofia, diz Heidegger, é a questão acerca da Verdade⁴⁵. Por essa razão, trata-se de um dos temas mais desenvolvidos pelo autor, estando presente em diversos escritos seus. Infelizmente, não podemos aqui desenvolver a questão como é devido. Falaremos rapidamente, para que nosso objetivo (relacionar com a passagem bíblica) seja alcançado.

De acordo com a tradição (este é um dos pontos mais importantes para Heidegger), verdade significa adequação (*adaequatio*), ou correção (*Richtigkeit*). O raciocínio é: frente à frase: “esta parede é branca”, como posso dizer que essa é uma afirmação verdadeira ou falsa? Tradicionalmente, a resposta é direta: o enunciado verdadeiro é aquele que está adequado ao objeto. Um enunciado verdadeiro, diz-se, orienta-se, retifica-se (*sich richten nach*) por seu objeto⁴⁶. Na visão tradicional, “verdade é a concordância do conhecimento (da representação – do pensamento – do juízo – do enunciado) com o objeto”⁴⁷. Tomás de Aquino, por exemplo, entendia “*veritas principaliter est in intellectu*”: a verdade se principia no entendimento judicativo⁴⁸. Diz ainda em outra ocasião: “A verdade é propriamente encontrada no intelecto humano ou divino” (“*veritas proprie invenitur in intellectu humano vel divino*”⁴⁹). Descartes dirá o mesmo na modernidade: “Verdade ou falsidade, em sentido próprio, não podem estar em nenhum outro lugar a não ser no intelecto” (“*veritatem proprie vel falsitatem non nisi in solo intellectu esse posse*”⁵⁰). Nietzsche, que perguntou sobre a verdade “da maneira mais apaixonada possível”⁵¹, está preso a esse

⁴⁴ Original: “θεον ουδεις εωρακεν πωποτε ο μονογενης υιος ο ων εις τον κολπον του πατρος εκεινος εξηγησατο” (heon oudeis eōraken pōpote o monogenēs uios o ōn eis ton kolpon tou patros ekeinos exēgēsato)

⁴⁵ HEIDEGGER, Martin. *As Questões Fundamentais da Filosofia*. trad. Marco Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2017, § 5.

⁴⁶ HEIDEGGER. *As Questões Fundamentais da Filosofia*. trad. Marco Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2017, § 6, p. 22.

⁴⁷ HEIDEGGER. *As Questões Fundamentais da Filosofia*. trad. Marco Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2017, § 6, p. 24.

⁴⁸ “la verdadde principalmente está en el entendimiento” TOMÁS DE AQUINO. *Suma de Teología*. Vol. I, parte I, Edición dirigida por los Regentes de Estudios de las Provincias Dominicanas en España. Presentación por Damipán Byrne O. P. Colaboradores José Martorell et. al. 4ª ed. 2001. Cuestión 16: “Sobre la verdad”, art. 1, “La verdad, ¿está o no está sólo en el entendimiento?”, p. 225.

⁴⁹ Tomás de Aquino, *Quaestiones de veritate*; qu. I art. 4, resp

⁵⁰ DESCARTES, René. *Regulae ad directionem ingenii*. Herausgegeben von Artur Buchenau: Leipzig, Dürr’schen Buchhandlung, 1907, p. 23

⁵¹ HEIDEGGER, Martin. *As Questões Fundamentais da Filosofia*. trad. Marco Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2017, § 4, p. 16.

entendimento: “*Verdade é o tipo de erro, sem o qual uma determinada espécie de seres vivos não poderia viver. O valor para a vida decide por fim*”⁵².

Heidegger percebe que esse entendimento não vai ao fundo da essência da verdade. De acordo com a leitura que Heidegger faz de Platão, o grego, na “Alegoria da Caverna”, oferece-nos uma visão muito rica acerca da essência da verdade. A tradição não está errada ao dizer que verdade é correção. Mas qual o fundamento disso? A palavra que os gregos usavam para verdade é *ἀλήθεια* (*alétheia*), que significa, precisamente, desvelamento, ou desencobrimento (*Unverborgenheit*). A verdade não está no intelecto, mas ela é o próprio desvelamento do ente.

O que é a *alétheia*? Como o próprio nome diz, é o fato de o ente não estar fechado, mas aberto. Como a correção é fundamentada pelo desvelamento, é o fato de o ente estar aberto, sua abertura, que fundamenta a verdade como correção⁵³. Isso foi muito bem entendido pelos gregos, o que explica seu entendimento de que não é necessário fundamentar a verdade como correção. É por essas razões que não precisamos mais nos perguntar acerca da verdade como correção. A resposta está nos gregos. Nosso erro foi traduzir *alétheia* como *veritas*, restringindo-nos à verdade enquanto correção. Houve um *soterramento* da essência da verdade⁵⁴.

Completa Heidegger: “Toda relação patentemente aberta é um comportamento”⁵⁵. Todo ente tem em si uma abertura. É por ela que o ente se deixa ver, se deixa exprimir. O ente se propõe à enunciação. A enunciação, para que se conforme ao ente, para que seja verdadeira, deve obedecer à ordem dada pelo ente. Percebemos que é a abertura do comportamento que possibilita a conformidade entre enunciação e ente. Assim, a essência da verdade está no que “torna possível a conformidade do enunciado”⁵⁶.

⁵² „Wahrheit ist die Art von Irrtum, ohne welche eine bestimmte Art von lebendigen Wesen nicht leben könnte. Der Werth für das Leben entscheidet zuletzt“, NIETZSCHE, Friedrich. *Der Wille zur Macht*. Leipzig: Alfred Kröner Verlag, 1922, n. 493.

⁵³ HEIDEGGER, Martin. *As Questões Fundamentais da Filosofia*. trad. Marco Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2017, § 26, p. 129.

⁵⁴ HEIDEGGER, Martin. *As Questões Fundamentais da Filosofia*. trad. Marco Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2017, § 26, p. 132.

⁵⁵ HEIDEGGER, Martin. *A essência da verdade*. In _____. *Marcas do caminho*. Trad. de Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Rev. da trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Textos Filosóficos). p.189-214, p. 196.

⁵⁶ HEIDEGGER, Martin. *A essência da verdade*. In _____. *Marcas do caminho*. Trad. de Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Rev. da trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Textos Filosóficos). p.189-214, p. 197.

A verdade, portanto, não está na enunciação, mas na abertura: “É somente desta possibilidade intrínseca à abertura do comportamento que a conformidade da proposição recebe a **aparência** de realizar a essência da verdade”⁵⁷.

Tentemos usar esse entendimento de Heidegger acerca da verdade no Evangelho de João.

Antes, uma observação importante: a palavra *alétheia* é a palavra grega para “verdade”. Como os evangelhos foram escritos em grego, é esta a palavra usada. Uma pergunta que poderia ser feita: por que analisar só João? Muitas respostas podem ser dadas: espaço, qualidade, singularidade do texto. Mas, neste ponto, outra é ainda mais precisa: é João o que mais se utiliza do termo, mais de vinte vezes⁵⁸. Mateus a usa uma vez⁵⁹; Marcos⁶⁰ e Lucas⁶¹, três vezes cada.

Vemos no prólogo de João a famosa frase: “E o verbo fez-se carne e habitou entre nós; e contemplamos a sua glória – glória enquanto [filho] unigênito do Pai, pleno de graça e de verdade”⁶² (João 1,14). “A graça e a verdade vieram-nos através de Jesus Cristo”⁶³ (João 1,17)

Glória é, no livro do Êxodo, o mesmo que a manifestação divina “A glória de lahweh pousou sobre o monte Sinai, e a nuvem o cobriu durante seis dias. No sétimo dia, lahweh chamou Moisés do meio da nuvem” (24,16). No trecho de João, vemos que a glória é de Jesus, ou seja, ele manifesta o divino. Além disso, Jesus é pleno de graça e de verdade. Verdade aqui é *αληθειας* (*alétheias*), que, como vimos, ao pé da letra, significa desvelamento, desencobrimento. Podemos fazer um paralelo, em primeiro lugar, com a nuvem. Seria a verdade um “desnuveamento”, não no sentido de afastamento de Deus, claro, mas no de esclarecimento e revelação do Pai? No segundo trecho, temos também o uso de *alétheia*. Aqui, é-nos dito que o desvelamento veio por meio de Jesus, ou seja, podemos ler como: Jesus é o caminho para desvelamento, leitura que corrobora a já analisada aqui.

⁵⁷ HEIDEGGER, Martin. *A essência da verdade*. In _____. *Marcos do caminho*. Trad. de Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Rev. da trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Textos Filosóficos). p.189-214, p. 197 (grifo nosso).

⁵⁸ 1,17; 3,21; 4,23-4; 5,33; 8,32 (2x); 8,40; 8,44 (2x); 8, 45; 8; 46; 14,6; 14,17; 15,26; 16,7; 16,13, 17,17 (2x); 17,19; 18,37, 18,38. 22,16.

⁵⁹ 5,33; 12,14; 12,32.

⁶⁰ 4,25; 20,21; 25,59.

⁶¹ Original: “και ο λογος σαρξ εγενετο και εσκηνωσεν εν ημιν και εθεασαμεθα την δοξαν αυτου δοξαν ως μονογενους παρα πατρος πληρης χαριτος και αληθειας ” (*kai o logos sarx egeneto kai eskênôsen en êmin kai etheasametha tên doxan autou doxan ôs monogenous para patros plêrês charitos kai alêtheias*)

⁶² Original: “οτι ο νομος δια μωσεως εδοθη η χαρις και η αληθεια δια ιησου χριστου εγενετο” (*oti o nomos dia môseôs edothê ê charis kai ê alêtheia dia iêsou christou egeneto*)

No fim do primeiro capítulo do Evangelho, vemos a seguinte fala de Jesus: “Amém amém vos digo: vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho da Humanidade” (Jo 1,51). Como se sabe, essa é uma referência ao sonho de Jacó: “Eis que uma escada se erguia sobre a terra e o seu topo atingia o céu, e anjos de Deus subiam e desciam por ela!” (Gn 28, 12). Essa ideia de escada era comum na Mesopotâmia. O que nos importa é que Jesus é visto como essa escada, o que, mais uma vez, mostra seu caráter de “caminho”. Além disso, ele é aquele que abre os céus aos homens. Esse abrir pode ser lido como a própria verdade enquanto desvelamento: Jesus desvela.

Não é muito repetir nosso ponto: não fazemos aqui uma apologia religiosa. “Jesus desvela” deve ser lido: o homem, enquanto ser-aí, é desvelador. É da essência do ser-aí desvelar.

A origem Grega – Heráclito. Uma leitura do Evangelho de João

Dissemos no começo de nossa investigação que ela se daria por bases gregas. Falar de Heidegger já é, de certa forma, falar do pensamento grego, já que o próprio alemão tem como grande inspiração os gregos. Para o nosso ponto aqui defendido, escolhemos Heráclito como o mais evidente dos pensadores.

Deve ter ficado claro que o que desejamos fazer é mostrar como o pensamento cristão aproveitou de uma mentalidade com germe na Grécia antiga acerca do Ser e do ente. Não poderemos nos aprofundar muito aqui. Veremos rapidamente alguns trechos de Heráclito que corroboram nosso entendimento.

O mais teológico, e ontológico, dos Evangelhos é o de João. Seu prólogo contém sua mais importante parte, trazendo para nós importantes conceitos. Leiamos-lo em parte para que possamos analisá-lo à luz de Heráclito.

No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus. Este no princípio estava com Deus. Todas as coisas existiram por ação dele e sem ele existiu nem uma só coisa que existiu. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. [...]

[O verbo] era a luz verdadeira que, vindo ao mundo, ilumina todo o ser humano. Ele estava no mundo e foi por intermédio dele que o mundo existiu; e o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu e os seus não o receberam. Porém quantos o receberam, a esses deu a licitude de se tornarem filhos de Deus - a esses que creem no nome dele, os quais não nasceram de sangue, nem de uma vontade da carne, nem da vontade de um varão, mas sim de Deus.

E o verbo fez-se carne e habitou entre nós; e contemplamos a sua glória - glória enquanto [filho] unigênito do Pai, pleno de graça e de verdade.

João [Batista] dá testemunho acerca dele e clamou, dizendo: ‘Este era aquele de quem eu disse: ‘O que vem depois de mim passou-me à frente, porque existia antes de mim’’. [...]

A Deus ninguém nunca viu. Deus unigênito, que está no seio do Pai, esse deus [o Pai] a conhecer.⁶⁴ (João 1, 1-5; 9-15; 18).

A tradução do grego sempre é complicada. Aqui foi-nos apresentada uma das palavras que mais gera discórdia entre interpretadores do grego em geral: λόγος (*lógos*). Frederico Lourenço, o melhor tradutor que temos do grego, disse: “João inicia o seu Evangelho com uma das mais intraduzíveis afirmações alguma vez registradas por meio da palavra escrita”⁶⁵. Sua opção, ao traduzir, é seguir a tradição. Alguns tradutores preferem, inclusive, não traduzir, deixando como logos mesmo. A palavra tem duas acepções: razão e discurso. Neste sentido, ainda pode significar “linguagem”, “palavra”, ou, como foi aqui traduzido, “verbo”, seguindo a tradição da Vulgata de São Jerônimo, que traduziu *Lógos* por *Verbum*.

Uma observação importante: em grego, não há diferença, como há em português, entre “ser” e “estar”, ambos são o verbo εἶμι (*eimi*). Assim, no original, não há diferença entre “o Verbo estava com Deus” e “o Verbo era com Deus”.

O que nos importa é a equiparação de Deus e logos, Deus e razão, ou Deus e verbo. A famosa caracterização aristotélica do homem como um animal social dotado de logos pode nos ajudar. Segundo Aristóteles, em nossa essência está o logos. Se continuarmos nosso entendimento anterior de que, em essência, o homem é Deus, o raciocínio fica claro. O homem é dotado de logos na medida em que tem em sua essência o seer, sendo o logos o próprio modo de acesso ao seer. A linguagem, por fim, seria o divino em nós. Ao dizer que o Verbo se fez carne, João, claro, refere-se a

⁶⁴ “εν αρχη ην ο λογος, και ο λογος ην προς τον θεον, και θεος ην ο λογος. ουτος ην εν αρχη προς τον θεον. παντα δι αυτου εγενετο, και χωρις αυτου εγενετο ουδε εν ο γεγονεν. εν αυτω ζωη ην, και η ζωη ην το φως των ανθρωπων. και το φως εν τη σκοτια φαινει, και η σκοτια αυτο ου κατελαβεν. [...] ην το φως το αληθινον, ο φωτιζει παντα ανθρωπον, ερχομενον εις τον κοσμον. εν τω κοσμω ην και ο κοσμος δι αυτου εγενετο και ο κοσμος αυτον ουκ εγνω. εις τα ιδια ηλθεν, και οι ιδιοι αυτον ου παρελαβον; οσοι δε ελαβον αυτον, εδωκεν αυτοις εξουσιαν, τεκνα θεου γενεσθαι, τοις πιστευουσιν εις το ονομα αυτου, οι ουκ εξ αιματων, ουδε εκ θεληματος, σαρκος, ουδε εκ θεληματος ανδρος, αλλ εκ θεου εγεννηθησαν. και ο λογος σαρξ εγενετο, και εσκηνωσεν εν ημιν, και εθεασαμεθα την δοξαν αυτου, δοξαν ως μονογενους παρα πατρος, πληρης χαριτος και αληθειας. Ἰωαννης μαρτυρει περι αυτου, και κεκραγεν, λεγων, ουτος ην ον ειπον, ο οπισω μου ερχομενος, εμπροσθεν μου γεγονεν οτι πρωτος μου ην. [...] Θεὸν οὐδεὶς εώρακεν πώποτε; ὁ μονογενὴς Θεὸς, ὁ ὢν εἰς τὸν κόλπον τοῦ πατρὸς, ἐκεῖνος ἐξηγήσατο” (en archê ên o logos, kai o logos ên pros ton theon, kai heos ên o logos. Outos ên en archê prós ton Theon. Panta di autou egeneto, kai chôris autou egeneto oude en gegonen. En autô zôê ên, kai ê zôê ên to phôs tôn anthrôpôn. Kai to phôs en tê skotia phainei, kai ê skotia auto ou katelaben. [...] Ên to phôs to alêthinon, o phôtizei panta anthrôpon, erchomenon eis ton kosmon. En tô kosmô ên kai o kosmos di autou egeneto kai o kosmos auton ouk egnô. Eis ta idia êlthen, kai oi idioi auton ou parelabon; hosoi de elabon auton, edôken autois exousian, tekna theou genesthai, tois pisteuousin eis to onoma autou, oi ouk ex haimatôn, oude ek thelêmatos sarkos, oude ek thelêmatos andros, all ek theou egennêthêsan. Kai ho logos sarx egeneto, kai eskênôsen en hêmin, kai etheasametha tên doxan autou, doxan ôs monogenous para patros, plêrês charitos kai alêtheias. Iôannês marturei peri autou, kai kekragen, legôn, outos ên on eipon, ho opisô mou erchomenos, emprosthen mou gegonen, oti prôtos mou ên. [...] Theon oudeis êdraken pôpote; o monogenês uios [theos] ho ôn eis ton kolpon tou patros, ekeinos exêgêsato”)

⁶⁵ BÍBLIA. *Volume I: Novo Testamento: os quatro evangelhos*. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 319.

Jesus. Em nossa leitura, fazer-se carne, ou seja, nascer enquanto homem, é referência expressa ao ser-aí. Fazer-se carne é o próprio *aí* do seer.

De Heráclito, temos apenas alguns fragmentos. Comparado a outros pré-socráticos, contudo, é um pensador de que temos bastante coisa. Usaremos aqui as traduções feitas por José Cavalcante de Souza. O fragmento 1 de Heráclito nos traz:

Deste logos sendo sempre [,]⁶⁶ os homens se tornam descompassados⁶⁷ quer antes de ouvir quer tão logo tenham ouvido; pois, tornando-se todas (as coisas) segundo esse logos, a inexperientes se assemelham embora experimentando-se em palavras e ações tais quais eu discorro segundo (a) natureza distinguindo cada (coisa) e explicando como se comporta. Aos outros homens escapa⁶⁸ quanto fazem despertos, tal como esquecem quanto fazem dormindo.^{69, 70}

Em primeira análise, podemos perceber que o logos sempre existe. Os homens, contudo, afastam-se, descompassam-se, ou seja, não compreendem o logos. Os homens, completa Heráclito, parecem inexperientes quanto ao logos, que está presente em todas as coisas, até mesmo quando eles, os homens, falam e agem. O falar aqui deve ser entendido em correspondência com o *discurso*, que é o logos. Assim, mesmo quando em contato com o logos, os homens parecem não o entender.

Essa análise se aproxima tanto do pensamento cristão quanto do heideggeriano. O distanciamento de Deus, inexorável, é verdade, faz com que não O entendamos completamente, mesmo que estejamos no caminho. Isso fica claro no fragmento 45 de Heráclito: "Limites da alma não os encontrarias, todo o caminho percorrendo; tão profundo logos ela tem"⁷¹. Heidegger diz o mesmo quanto ao seer: nossa incompreensão do seer, nossa, inclusive, incapacidade de elaboração da questão sobre seer, advém de nosso distanciamento, ou melhor, de nosso esquecimento do seer. O ponto é que, apesar disso, o logos está no homem, necessariamente; o logos é no homem. Quer leiamos isso, de acordo com Heráclito, como: nós experimentamos necessariamente o logos em nossas palavras e ações; quer, de acordo com o cristianismo, como: somos filhos de Deus, portanto

⁶⁶ Apenas para facilitar o entendimento, a vírgula é sugerida.

⁶⁷ Reproduzimos a nota de José Cavalcante de Souza: "No grego *axynetoí*, literalmente "que-não-se-lançam-com", i. e., "que não compreendem"

⁶⁸ Reproduzimos a nota de José Cavalcante de Souza: "No grego *lantháneí*, do mesmo tema de *lêthe* (= esquecimento), que forma *alétheia* (lit. não-esquecimento) = verdade. Cf. fragmento 16"

⁶⁹ PESSANHA, José Américo Motta (Org.). *Pré-Socráticos: vida e obra*. Tradução de José Cavalcante de Souza et. al. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000. (Os Pensadores), p. 87

⁷⁰ Original: "τοῦ δὲ λόγου τοῦδε ἐόντος αἰεὶ ἀξύνετοι γίνονται ἄνθρωποι καὶ πρόσθεν ἢ ἀκοῦσαι καὶ ἀκούσαντες τὸ πρῶτον· γινομένων γὰρ πάντων κατὰ τὸν λόγον τόνδε ἀπίροισιν εἰκόασι πειρώμενοι καὶ ἐπέων καὶ ἔργων τοιοῦτων ὁκοίων ἐγὼ διηγέεμαι κατὰ φύσιν διαιρέων ἕκαστον καὶ φράζων ὅκως ἔχει· τοὺς δὲ ἄλλους ἀνθρώπους λανθάνει ὁκόσα ἐγεθθέντες ποιοῦσιν ὅκωσπερ ὁκόσα εὔδοντες ἐπιλανθάνονται"

⁷¹ Original: "ψυχῆς πείρατα ἰὼν οὐκ ἂν ἐξεύροιο πᾶσαν ἐπιπορευόμενος ὁδόν· οὕτω βαθὺν λόγον ἔχει"

somos em parte deuses; quer ainda de acordo com Aristóteles: o homem é dotado de logos; fato é que o logos é em nós.

Mesmo que esse logos nos fuja, devemos segui-lo⁷². Heráclito fala mesmo em “seguir”, o que pressupõe um caminho, exatamente o que falamos antes. Ressaltamos aqui apenas a importância desse fugir do logos. Heidegger⁷³ usa o fragmento 123 de Heráclito, “Natureza [*Phýsis*] a ama esconder-se”⁷⁴, firmemente em sua análise.

Do que falamos quanto à unidade de Deus, isto é, o monoteísmo evidenciado em Isaías, Heráclito, mais uma vez, muito se aproxima. É comum, em especial aos pré-socráticos, a busca pelo Uno, isto é, a busca por aquilo que está em todas as coisas, a busca pelo princípio único, pela substância simples, buscada na Modernidade. É sabido que, para Heráclito, esse princípio é o fogo⁷⁵. Convém ressaltarmos o fato de o Seer, isto é, a Unidade, o que está no quente e no frio, para o cristianismo, como aqui vemos, Deus, é o buscado por Heráclito. O fragmento 10 é bem claro nesse sentido (não o único): “Conjunções o todo e o não todo, o convergente e o divergente, o consoante e o dissoante, e de todas as coisas um e de um todas as coisas”⁷⁶. Assim, dia e noite são uma só coisa⁷⁷; mais: “O deus é dia noite, inverno verão, guerra paz, saciedade fome” (fragmento 67)⁷⁸; “tudo é um”⁷⁹.

Organizemos a exposição. Propomos aqui o pensamento de equiparação entre seer no sentido heideggeriano e Deus no sentido cristão. Colocamos em questão agora o *Logos* heraclítico.

⁷² Cf. fragmento 2.

⁷³ Ver: HEIDEGGER, Martin. *Aletheia (Heráclito, fragmento 16)*, In: _____. *Ensaio e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012a. (Coleção Pensamento Humano). p. 183-203, p. 240.

⁷⁴ “Φύσις κρύπτεσθαι φιλεῖ” (“*Phýsis kryptesthai philein*”). Carneiro Leão traduz de maneira menos literal, mas com importante significação: “Surgimento já tende ao encobrimento”, in HERÁCLITO. *Fragmentos: origem do pensamento*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

⁷⁵ Fragmento 30: “Este mundo [*kósmos*], o mesmo de todos os (seres), nenhum deus, nenhum homem o fez, mas era, é e sempre será um fogo sempre vivo, acendendo-se em medidas e apagando-se em medidas” Original: “κόσμον τόνδε, τὸν αὐτὸν ἀπάντων, οὔτε τις θεῶν οὔτε ἀνθρώπων ἐποίησεν, ἀλλ’ ἦν αἰεὶ καὶ ἔστιν καὶ ἔσται πῦρ αἰείζων, ἀπτόμενον μέτρα καὶ ἀποσβεννύμενον μέτρα”

⁷⁶ Original: “συλλάψεις· ὅλα καὶ οὐχ ὅλα, συμφερόμενον διαφερόμενον, συνᾶδον διᾶδον καὶ ἐκ πάντων ἓν καὶ ἐξ ἑνὸς πάντα”

⁷⁷ Cf. fragmento 57: “Mestre da maioria é Hesíodo; pois este reconhece que sabe mais coisas, ele que não conhecia dia e noite; pois é uma só (coisa)”. Original: “διδάσκαλος δὲ πλείστων Ἡσίοδος τοῦτον ἐπίστανται πλείστα εἰδέναι, ὅστις ἡμέρη καὶ εὐφρόνην οὐκ ἐγίνωσκεν· ἔστι γὰρ ἓν”. O mesmo no fragmento 106: “Com razão Heráclito consurrou Hesíodo por fazer uns dias bons e outros maus, dizendo que ignorava como a natureza de cada dia é uma e a mesma”. Original: “περὶ δ’ ἡμερῶν ἀποφράδων εἵτεχρηί τίθεσθαι τινὰς εἴτε ὀρθῶς Ἡράκλειτος ἐπέπληξεν Ἡσιόδῳ τὰς μὲν ἀγαθὰς ποιουμένων, τὰς δὲ φαύλας, ὡς ἀγνοοῦντι φύσιν ἡμέρας ἀπάσης μίαν οὔσαν, ἐτέρωθι διηπόρηται”.

⁷⁸ Completo: “O deus é dia noite, inverno verão, guerra paz, saciedade fome; mas se alterna como fogo, quando se mistura a incensos, e se denomina segundo o gosto de cada”. Original: “ὁ θεὸς ἡμέρη εὐφρόνη, χειμῶν θέρος, πόλεμος εἰρήνη, κόρος λιμός (τάναντία ἅπαντα· οὔτος ὁ νοῦς), ἀλλοιοῦται δὲ ὄκωσπερ (πῦρ), ὅπῃ συμμιγῆ θυώμασιν ὀνομάζεται καθ’ ἡδονὴν ἐκάστου”.

⁷⁹ Fragmento 50: “Não de mim, mas do logos tendo ouvido falar é sábio homologar tudo é um” Original: “οὐκ ἐμοῦ ἀλλὰ τοῦ Λόγου ἀκούσαντας ὁμολογεῖν σοφὸν ἔστιν Ἐν Πάντα”.

O termo, contudo, já havia sido citado. Como expusemos, João começa seu prólogo falando do *Logos*: “εν αρχη ην ο Λογος” (*en arkhē ên o logos*). Aqui temos dois termos que merecem nossa atenção: *arkhē* é a famosa palavra grega para princípio⁸⁰, origem. Este é a mesma frase do começo do Gênesis. Citamos apenas *en passant* para mostrar a preocupação em comum entre João e os primeiros filósofos gregos. Em seguida vem nosso real objetivo: Λογος. Heidegger escreve um ensaio dedicado à explicação desse termo em Heráclito⁸¹. O texto é denso, mas contém algumas informações que suportam nossa tese aqui apresentada.

Heráclito, em seu fragmento 32, diz: “Uma só (coisa) o sábio não quer e quer ser recolhido no nome de Zeus”⁸². A tradução aqui pode não ficar muito clara. Heráclito começa referindo-se ao “ἕν, (*en*), que é propriamente o Uno. Assim, “uma só (coisa)” foi a opção para se referir ao Uno, de que falamos acima. A dúvida que aqui surge é: Heráclito aqui equipara o Uno, isto é, o *Logos*, a Zeus? Heidegger diz que não. Segundo sua leitura, o Uno é maior. Dentro do Uno, há entes (neste texto, em vez de “entes” Heidegger fala em “vigentes”). Zeus é o mais alto deles. Há, contudo, uma partilha (*moira*). Assim, conclui, Zeus não é, em si mesmo, o “Ev, embora, dirigindo com o raio, cumpra e realize os envios do destino”⁸³. “Ev, portanto, não aceita ser chamado de Zeus. Zeus é um ente entre outros, mesmo que esteja acima de qualquer outro. “Ev está acima até mesmo de Zeus. Essa é a mesma leitura que Heidegger faz do Deus cristão⁸⁴.

Para Heidegger, e ele parece estar correto em sua análise, há um *Logos* superior até mesmo às divindades, de acordo com a visão grega. Contudo, pouco antes, Heidegger conclui: “essência do Λόγος acenaria, pois, para a deidade de Deus”⁸⁵. Se sairmos do mundo grego, isto é, se desconsiderarmos Zeus e colocarmos em seu lugar o Deus cristão, o entendimento pode ser outro. Apenas conjecturamos aqui, sem nada afirmar. Se entendermos o Deus cristão como um ente,

⁸⁰ Para uma reflexão sobre o termo, ver: HEIDEGGER, Martin, *A essência e o conceito de Φύσις em Aristóteles – Física B, 1*. In _____. *Marcas do caminho*. Trad. de Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Rev. da trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Textos Filosóficos), p. 251-314, p. 259.

⁸¹ HEIDEGGER, Martin, *Logos (Heráclito, fragmento 50)*. In _____. *Ensaaios e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Marcia Sá Cavalcante Schuback, 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012a. (Coleção Pensamento Humano). p. 183-204.

⁸² Original: “ἕν τὸ σοφὸν μόνον λέγεσθαι οὐκ ἔθλει καὶ ἔθλει Ζητὸς ὄνομα”.

⁸³ HEIDEGGER, Martin, *Logos (Heráclito, fragmento 50)*. In _____. *Ensaaios e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Marcia Sá Cavalcante Schuback, 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012a. (Coleção Pensamento Humano). p. 183-204, p. 198.

⁸⁴ HEIDEGGER, Martin, *Ser e verdade: a questão fundamental da filosofia; da essência da verdade*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rev. Renato Kirchner. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012, p. 65.

⁸⁵ HEIDEGGER, Martin, *Logos (Heráclito, fragmento 50)*. In _____. *Ensaaios e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Marcia Sá Cavalcante Schuback, 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012a. (Coleção Pensamento Humano). p. 183-204, p. 196. Original: “Das Wesen des Λόγος gäbe so einen Wink in die Gottheit des Gottes”.

mesmo sendo ele o maior dos entes, ele estará abaixo do seer. Os gregos não pareciam se opor a esse entendimento. O Deus cristão, por sua vez, não parece ser correspondente com essa visão. Como vimos, na Bíblia, fica bem claro que Deus é um só e não há nada acima dele. Temos duas opções: ou consideramos que o Deus cristão é como Zeus e assumimos que os cristãos não viram ou negligenciaram o seer, ou subimos o nível de Deus ao de Seer, de modo que ele não é mais um ente. Esta última parece a opção mais coerente.

Conclusão

Este artigo tem uma pretensão muito mais especulativa que propriamente doutrinar. Lançamos luz a uma relação que nos parece possível: entre a leitura que Heidegger faz dos escritos gregos e a Bíblia cristã. Se aceitarmos essa visão, muitas conclusões podem ser tiradas. A influência da filosofia grega no cristianismo, dentro de seu próprio livro sagrado, já muito debatida, pode se tornar ainda mais evidente. Uma releitura de muitos entendimentos na história da ontologia pode surgir. Ficamos com o benefício do estímulo que a ideia nos oferece.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. *Confissões*. Trad. J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. 6ª ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2015.

BÍBLIA. *Volume I: Novo Testamento: os quatro evangelhos*. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BORGES, Jorge Luis. *Sobre a Felicidade e outros diálogos*. Trad. John Lionel O'Kuinghttons Rodríguez. São Paulo: Hedra, 2009.

DESCARTES, René. *Regulae ad directionem ingenii*. Herausgegeben von Artur Buchenau: Leipzig, Dürr'schen Buchhandlung, 1907.

HEIDEGGER, Martin. *Aletheia (Heráclito, fragmento 16)*, In: _____. *Ensaio e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012a. (Coleção Pensamento Humano). p. 183-203.

_____. *A teoria platônica da verdade*. In _____. *Marcas do caminho*. Trad. de Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Rev. da trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Textos Filosóficos), p. 215-250.

_____. *A essência da verdade*. In _____. *Marcas do caminho*. Trad. de Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Rev. da trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Textos Filosóficos). p.189-214

_____. *A essência e o conceito de Φύσις em Aristóteles – Física B, 1*. In _____. *Marcas do caminho*. Trad. de Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Rev. da trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Textos Filosóficos), p. 251-314

_____. *As Questões Fundamentais da Filosofia*. trad. Marco Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

_____. *Carta sobre o humanismo*. 2ª ed. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005.

_____. *Gesamtausgabe, I. Ab, bd, I, Frühe Schriften*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann GmbH, 1978.

_____. *Gesamtausgabe, II. Abteilung: Vorlesungen 1923-1944, band 45*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann GmbH, 1984.

_____. *Introdução à filosofia*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rev. de trad. Eurides Avance de Souza. Rev. técnica Tito Lívio Cruz Romão. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

_____. *Logos (Heráclito, fragmento 50)*. In _____. *Ensaio e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Marcia Sá Cavalcante Schuback, 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012a. (Coleção Pensamento Humano). p. 183-204.

_____. *Ser e tempo*. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas, SP: UNICAMP. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. *Ser e verdade: a questão fundamental da filosofia; da essência da verdade*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rev. Renato Kirchner. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012b.

HERÁCLITO. *Fragmentos: origem do pensamento*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

LIMA, Priscila Sissi. *O caminho do amor: a possibilidade existencial do amor em Heidegger e sua importância para a investigação do justo*. 2015 Tese (Doutorado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. *Der Wille zur Macht*. Leipzig: Alfred Kröner Verlag, 1922.

PESSANHA, José Américo Motta (Org.). *Pré-Socráticos: vida e obra*. Tradução de José Cavalcante de Souza et. al. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000. (Os Pensadores).

STEIN, Ernildo. *Introdução ao Pensamento de Martin Heidegger*. Porto Alegre: PUCRS, 2011.

SPINOZA, Baruch. *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma contra os gentios*. Trad. D. Odilão Moura O.S.B., baseada em parte em tradução de D. Ludgero Jaspers O.S.B. Revisão Luis A. de Boni. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.